

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

## Maya, a abelha e Elvis, a Joanelha (12/17)

O sol já estava alto quando Maya acordou em seu refúgio na floresta. O luar, o grilo, a noite de verão, a elfa da floresta e o menino e a menina no caramanchão pareciam um sonho maravilhoso. No entanto, era quase meio-dia agora, então tudo tinha sido real.

O sol brilhava forte e Maya ouviu o coro misto de mil insetos. Que diferença havia entre o que aqueles insetos sabiam e o que ela sabia! Ela estava muito orgulhosa de suas aventuras e com certeza todos poderiam ver isso. Mas o sol brilhava como sempre e nada havia mudado. Os insetos iam e vinham e pássaros e borboletas brincavam no prado florido.

Maya de repente se sentiu triste. Não havia ninguém no mundo com quem compartilhar sua alegria e tristeza. Em vez de se juntar aos outros, ela decidiu ir para a



floresta. A floresta, com suas muitas árvores e caminhos escuros, combinava melhor com seu humor.

A floresta tem seus próprios mistérios que ninguém desconfia enquanto

anda pelos caminhos. Você tem que dobrar os galhos da vegetação rasteira para o lado e espiar por entre os arbustos sobre o musgo espesso. Os segredos da floresta estão debaixo das folhas e nos buracos dos troncos das árvores. Ali você encontra felicidade e tristeza, alegria e perigo.

Maya entendia muito pouco disso enquanto voava entre as árvores. Em um momento ela voou na sombra, no momento seguinte sob o brilho do sol, que brilhava intensamente nas samambaias e amoras. Depois de um tempo, ela voou para fora da floresta e um grande campo de grãos apareceu, banhado pela luz do sol. Ela se sentou no galho de uma bétula na beira do campo e olhou sem fôlego para o mar de ouro. Os grãos ondulavam suavemente ao vento. Sob a bétula, pequenas borboletas marrons brincavam com algumas folhas. Maya as observou por um tempo.

“Deve ser muito divertido”, pensou ela, “as crianças da colméia também poderiam brincar assim. Mas Cassandra não permitiria, ela é sempre tão rígida.”

Agora que ela pensou em casa, Maya sentiu-se triste novamente. Ela estava prestes a ficar com muitas saudades de casa quando ouviu alguém dizer ao seu lado: “Bom dia. Você é uma criatura realmente perigosa, eu acho.”



Maya se virou assustada. "Não, não sou", ela disse, "decidi não ser uma criatura perigosa."

Em sua folha estava uma pequena criatura hemisférica de cor vermelha/marrom com sete pontos pretos e uma cabeça minúscula com olhos brilhantes. Maya viu que a criatura tinha pernas finas como fios. Apesar de sua aparência estranha, Maya gostou imediatamente.

"Posso perguntar quem é você? Eu mesma sou Maya, do povo das abelhas."

"Você quer me insultar? Você não tem razão para fazer isso", disse a criatura.

"Mas por que estou insultando você? Eu nem sei quem você é," Maya chorou chateada.

"É fácil dizer que você não me conhece. Bem, deixe-me refrescar sua memória." E a coisinha começou a girar lentamente.

"Você quer dizer que eu tenho que contar seus pontos?"

"Sim, se você gosta."

"Sete pontos", disse Maya.

"Bem, você ainda não sabe? Nosso nome de família é Septempuncta. Isso significa sete pontos em latim. Mas somos mais conhecidos pelo nome de família Joaninhas. Meu nome é Elvis e sou poeta de profissão."

Maya, com medo de ferir seus sentimentos novamente, não ousou dizer mais nada.

"Oh," ele disse, "e eu vivo do sol, da tranquilidade do dia e do amor da humanidade."

"Mas você não come nada?" Maya perguntou surpresa.

"Claro. Eu como pulgões. Não é óbvio?"

"Bem não. Aquilo é..."

"O que é?"

“Não é normal”, disse Maya, envergonhada.

“Bem, claro,” exclamou Elvis. “Como cidadão de bem, você só faz o que é normal. Mas nós poetas somos diferentes. Você tem um momento?”

“Sim, claro”, disse Maya.

“Então vou recitar um poema para você. Sente-se quieta e feche os olhos para que nada a distraia. O poema se chama 'A Forma do Homem' e é pessoal. Ouça: 'Você não fez nada de errado comigo. Você me encontrou, mas isso não importa. Redondo e comprido. Com um escudo. Isso se move tão rápido quanto a luz. Redondo e pontiagudo no topo. Está firmemente preso na parte inferior.'”

“Você gostou do poema?”

Elvis perguntou depois de uma pequena pausa.

Havia lágrimas em seus olhos e sua voz tremia.



“A Forma do Homem' realmente impressiona”, respondeu Maya, um tanto tímida. Mas ela

conhecia poemas muito mais bonitos.

“Você gostou da forma?” Elvis perguntou com um sorriso melancólico. Ele parecia impressionado com o efeito que havia produzido.

“Longo e redondo. Isso é o que você disse no poema.”

“Quero dizer a forma artística, a forma do meu verso.”

“Oh sim. Sim, achei muito bom.”

"O que você quer dizer é que é um dos melhores poemas que você conhece. O primeiro requisito na arte é que ela deve conter algo novo. Você também acha?"

"Definitivamente, definitivamente", disse Maya. "Eu penso..."

"Sua fé e confiança em mim me oprimem. Mas tenho que ir agora, porque a solidão é o orgulho do poeta. Até a próxima."

"Adeus", repetiu Maya, que realmente não sabia o que a criaturinha estava procurando novamente. Então ela pensou: "Talvez ele não tenha crescido completamente porque ainda é muito pequeno". Ela o observou correr sobre o galho. Suas perninhas mal eram visíveis. E Maya olhou novamente para o campo dourado de grãos onde as borboletas brincavam. O campo e as borboletas lhe davam muito mais alegria do que os poemas de Elvis, a joaninha.